

**QUINTA-FEIRA**  
Lisboa -- 2 de Dezembro - 1926

**5 TOSTÕES**



sempre **30**  
**five** semanário humorístico

Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. T. 195  
RUA DA ROSA, 57



*J. Valença*  
(Já fui vítima)

**Pieçosa e sentida homenagem aos mutilados da imprensa**



## Os ditos da semana



No almoço oferecido ao ilustre cicritor e jornalista Matos Sequeira, um distinto oficial do Exército, *double* de homem de letras e de teatro, ia, por por *blague* inofensiva, fazendo de censor.

Depois do discurso do sr. dr. Ramada Curto, que é um orador cheio de espirito e de vibração, vieram aplausos estridentes. Então o censor, imitando a pronuncia do Norte, para dar o trocadilho:

— Este é «bisado» pela Censura.



Notas filosoficas ferro-viarias extraidas, de cór, do *Riso do Sul*, órgão dos empregados do Sul e Sueste... A mulher definida por varios elementos da classe:

— A mulher é uma remessa que, quanto mais se confere, mais feitas se lhe nota. — *Um conferente.*

— As mulheres são como as maquinas: só se animam quando se lhes enche as caldeiras. — *Um fogueiro.*

— A mulher é um comboio que ultrapassa normalmente os limites... da paciencia. — *Um chefe.*

— A mulher é uma escuta de remessa que requiere muito cuidado. Depois de perdida, nunca mais se encontra. — *Um factor.*

— A mulher é uma folha de



— Que tal?!  
— Um prodigio! Uma maravilha!  
Isto é cubismo, e do bom!

vencimentos que, embora errada, já não admite emendas nem razuras. — *Um escriptorio.*

— A mulher é uma taxa que, embora processada pela tarifa mais barata... sai sempre mais cara. — *Um fiel.*

— A mulher é um modelo M. T. R. que, quanto mais a carimbam, menos garantias da. — *Um condutor.*

— A mulher é uma legislação ferro-viaria que só nos exige deveres, e as garantias são para os outros. — *Um praticante.*

— A mulher é uma linha cruzada que fala com dois ao mesmo tempo. — *Um telegrafista.*

— A mulher, para nós que ganhamos duzentos escudos, é uma estação onde o comboio não para. — *Um praticante de escriptorio.*

— A mulher é uma administração que, quanto menos verba tem, mais precisa de gastar. — *Um engenheiro.*

— A mulher é um volume que só quem carrega com ele é que sabe o que ele custa. — *Um carregador.*



Agora a mulher definindo o homem e o ferro-viario:

— O homem é o *factor* dos actos que a gente faz.

— O homem, nas nossas mãos, nunca passa de um *praticante.*

— O homem é tanto mais *fiel* quanto mais nos paga cara a tarifa.

— O homem que nos faz grandes discursos quando a

### Guilherme Pereira de Carvalho



Ai, adeus, acabaram-se os dias,  
que ditosa vivi a teu lado...

gente lhe pede uma «remessa» urgente de dinheiro, é o pior dos *conferentes.*

— O homem é o nosso *fogueiro*, mas, pela violencia do serviço, utilizamo-lo por quartos.

— O homem só é um bom *chefe de estação* quando nós deixa parar diante de uma loja de modas.

— O homem é de facto um bom *engenheiro* se, além de teorico, for pratico.

— O homem é tanto melhor *escriptorio*, quanto menos contas fizer do que lhe pedimas.

— O homem é o *condutor* que a gente, afinal, leva para onde quer.

— O homem é o *carregador* que nos couduz muitas vezes a mala arrombada.

— O homem é o *telegrafista* cuja linha não nos importa nada que esteja impedida.

— O homem é, enfim, o ferro-viario que nós encontramos sempre na nossa via.



Os condutores dos electricos não teem piada nenhuma. Mas esta é accitavel.

— O menino tambem paga bilhete.

— Mas—diz a mãe—ontem vi de Belem para o Rossio e ele não pagou.

— Ah! E' porque ficou em casa.



— Está tudo pronto?  
— Está. Quantos coelhos quer para a caçada de amanhã?



# TEATRO

## «RETROZ PRETO...»

ALGUMAS anedotas de Jacinto Benavente:

Em calão teatral espanhol, diz-se «jardinillo» (jardimzinho) áquelas classicas atrapalhações dos actores que, não sabendo o papel, ou ouvindo mal o ponto, veem-se obrigados a inventar frases complicadas de difícil saída.

Foi o que aconteceu ao actor Puga na primeira representação dos «Interesses Criados», e com tal frequência que mestre Jacinto Benavente, comentando a atrapalhada situação, fuisse:

«—No fué jardinillo, fué el Parque d'Oeste.»

■ ■ ■

NUM teatro de revista, verdadeiro eden de maravilhas plasticas. A actriz descansa e conversa. Conversa amena, despreocupada, espontanea.

«—Sabe que tirei o retrato.

«—Mais uma vez.

«—Fiquei encantada. Que fotografal! Que artista! Não nos manda pôr em pose. Fala, distraia-nos e a certa altura—Zás! E' agora!

«—Gostou...

«—Nunca tirei retratos tão bonitos. So uma maravilha!

«—Foi instantaneo?

A artista preocupada e pensativa: «—Instantaneo, instantaneo não foi. Ainda esperei quinze dias pelos retratos!

■ ■ ■

COMO sabem, a actriz Maria Pia pediu e obteve a sua reforma de societaria do Nacional.



Eterna... estrela

A entrevista impunha-se. O jornalista vasculha o passado. Pede datas, pormenores, recordações.

«—Quando se estreiou? — que é o mesmo que dizer: quantos marca a certidão de idade?

«—No mesmo dia que a minha colega X.

Um nome conhecido, muito conhecido.

«—Em que ano?

«—Ah! não lhe devo dizer! Não quero melindrar a minha colega, que gosta de ocultar os cabelos brancos da sua mocidade!

Assim se nega a historia!

O TEATRO, esgotados os artistas, recorreu aos animais domesticos. Actualmente estão em scena, além dos Gobelins do Polipereirama, dois cães e um gato. Emfim, uma sucursal do Jardim Zoologico.

Quando será prestada aos animaisinho uma recita de homenagem?

COMO sabem, o actor Estevam Amarante esteve doente alguns dias. Hoje, felizmente, encontra-se melhor e já representa.

Comentario dum espectador:

«—Porque não chamou ele o Dr. da Mula Ruca!

■ ■ ■

«—O sr. L... normand!

«—Normando, italico, todos os tipos de letra.

«—E tem méio dos fantasmas?

«—Credo! Não me fale nisso! Lembro-me sempre da minha falecida sogra, que antes de o ser, já o era...

■ ■ ■

ESTREIOU-SE no Coliseu dos Recreios a companhia Sascha Morgowa. Como sempre, os bailados fizeram-se a meia luz.

O publico, pouco inteligente, reclamou:

«—Luz! Luz! O Covões não precisa de fazer economias!

Escusado será dizer que o espectador, embora belo, perdeu um tudo nada do seu interesse artistico.

O Homem das 5 horas

## IMPRESSÕES DE PRIMEIRA... FILA



O GATO DA PETIZA... ORIGINAL DE ARNICHES COM MUITISSIMA PIADA DE FELICIANO SANTOS

COM A DEVIDA VENIA A MATOS SEQUEIRA

IDILIO NO 5º ANDAR

OS LICÔRES CUJOS EFEITOS SE NÃO CHEGAM A VER...

AS SAIAS DE D. ILDA NA RAZÃO INVERSA DO 5º PARA O 1º ANDAR

O SR. CONDE BARÃO ALEXANDRE D'AZEVEDO 3º acto

TEATRO DA ACÇÃO DO 2º ACTO

CARLOS RIBEIRO

## CANÇÃO NACIONAL

## Os fados dos bairros

## Fado do Poço do Bispo

## Mote

Eu vi descer um anjinho  
do alto do céu, além,  
para provar o bom vinho  
que o Poço do Bispo tem.

## Glosas

Uma noite resolvei,  
porque estava com filé,  
ir provar a água-pé  
e não sei o que senti...  
Eu só sei que adormeci  
e tive um sonho daninho  
que, em visões,—talvez do vinho...—  
entre as nuvens, emplumado,  
num tonel escarranchado  
eu vi descer um anjinho...

Eu que sempre tive o fraco  
que é vulgar na Humanidade  
de, na minha Irmandade,  
ter o culto do Deus Baccho;  
fico com o olhar opaco,  
mas, por dentro, fico bem  
e até parece que vem,  
numa medida atestada,  
a saúde engarrafada.  
do alto do céu, além...

Pudesse haver um transporte  
dessa nação nada péca,  
onde existe a tal lei séca  
que é a America do Norte,  
pudesse ter ela a sorte  
do Poço ser mais pertinho,  
que até vinha num pulinho  
o Coolidge presidente  
do sequioso continente,  
para provar o bom vinho.

Mas, segundo ali se diz,  
—as palavras não são minhas—  
nós temos milhar's de vinhas  
espalhadas p'lo país.  
Mas o Poço é tão feliz  
na fecunda Lórra-mãe,  
que obrigou um dia alguém  
a segredar-me, baixinho:  
—Portugal dá menos vinho  
que o «Poço» do Bispo tem...

José Barbosa.

No proximo numero:

## Fado da Baixa

## Um prato patriótico

Diz o *Correio dos Açores* que na mostra do estabelecimento do sr. Manoel Augusto Chaves, na rua Antonio José d'Almeida, está em exposição o prato que serviu no almoço e jantar servidos em 27 de Maio ultimo ao sr. Marechal Gomes da Costa, no collegio da Boa Vista, do Porto, quando da sua passagem para Braga, na véspera da eclosão do movimento militar.

O prato foi enviado para Angra ao Marechal Gomes da Costa, como oferta do mesmo collegio.

Já o mesmo não conseguiu fazer o Marechal, que queria mandar de presente o ultimo tacho ao ultimo dos comilões...

Paciencia...

—Na região onde estivemos tinhamos mais de 60 graus á sombra.  
—E como se defendiam?  
—Fugindo para o sol.

\* \* \*

Um caçador, que é fotografo, ao vêr surgir um coelho:  
—Quieto um momento!



## Daltonismo

«Um guarda da policia percorreu ontem a Baixa, intimando os lojistas a retirarem das montras todos os artigos em cujo aspecto houvesse azul e branco.»

(Dos jornais).

O Governo, por ser contra  
As ideias do João Franco,  
Vai a toda e qualquer montra,  
Donde retira o que encontra  
Pintado d'azul e branco.

Aquelas côres odiadas  
Ferem-lhe tanto a retina  
Que a ninguem são toleradas,  
E apenas são respeitadas  
Na bandeira da Argentina.

Na sanha dos seus furores,  
Suprime-as nas aguarelas,  
E proibe que os pintores  
Besuntem as suas telas  
Co'as duas malditas côres.

Chega a punir co'o açoite,  
No mais desvairado arranco,  
A todo aqueleq ue se afoite  
A usar vazos de noite  
Pintados d'azul e branco.

A Virgem, disse-lhe um santo  
Que iam mover-lhe um ataque,  
E a Santa Virgem, portanto,  
Mandou tingir o seu manto  
A casa do Cambournac.

Perdem tempo inutilmente,  
Em meu humilde criterio,  
Co'uma questão indifferente,  
Que já pouquissima gente  
Insiste em tomar a sério.

A mór parte dos senhores,  
Por medo ou por ambição,  
Comodistas ou traidores,  
Misturam as quatro côres  
Numa alegre confusão.

Vejo os grandes e os pequenos  
Servindo o seu egoismo,  
Indifferentes e serenos,  
—E todos nós, mais ou menos,  
Sofremos de daltonismo.—

Neste tempo, em que o Valor  
Condescende p'ra que vingue,  
E transige p'ra se impôr,  
Já ninguem distingue a côr,  
Nem já os homens distingue.

A Prudencia, nesta terra,  
A ninguem oferece o flanco,  
E com tão pouco se aterra,  
Que eu acho inutil a guerra  
Contra o pobre azul e branco.

Vá, que esta gente me oprima,  
Trate o país como um réo  
E azul e branco suprima.  
Mas que comecem por cima,  
Mandando pintar o céu.

João Fernandes.

## Dr. Augusto de Vasconcelos



## Obstetricia diplomatica

## Entrevista

com uma nota falsa de 500

Estando o Marang a ser julgado no tribunal da Haia, procurámos avisar-nos com uma das notas falsas de 500 escudos que deram motivo á complicada burla do Angola e Metropole.

A entrevista era oportuna, impunha-se. Fomos encontrar a nota comodamente instalada na carteira de um pobre provinciano que caridosamente a recolhera, porque a pobre rapariga tinha ido exposta na roda do Destino e abandonada pelos seus progenitores.

Amavelmente recebidos, dissemos logo ao que iamos:

—O *Sempiternus* desejaria que a menina lhe dissesse alguma coisa sobre a burla e os burlões.

—Mas eu sou uma abandonada, interrompeu logo a nota de 500, não tenho valor nenhum. Sou uma infeliz. Essas doutrinas da igualdade social são uma pura cantiga. Eu sou igual ás minhas irmãs, mas ninguem me liga importancia. O papá Marang nega-me até a sua paternidade e ele bem sabe que eu sou sua filha. Bem sei que fui o fruto de ligações ilícitas, mas ele bem devia ter pensado nisso quando andava a desinquietar a minha mãe, a senhora Waterloo, que era uma rapariga honesta. O grande mal foram as más companhias, porque o papá Marang, sósinho, não teria conseguido enganar a minha mãe.

—Mas porque não requereu a investigação da paternidade ilegítima, para ser considerada tão filha como as outras que foram admitidas no Banco de Portugal?

—Ora, porquê? Porque este bom homem que me recolheu não falou a tempo. Quando deu por mim já tinha expirado o prazo e eu fiquei nesta situação desgraçada.

—E, diga-me uma coisa,—fizemos nós—seu pai nunca a reconheceu como filha?

—Reconheceu sempre, enquanto ninguem sabia da minha origem criminosa. Fui acarinhada e andei sempre junto do coração do papá Marang e dos meus padrinhos Alves dos Reis e da Bandeira e dos amigos da casa, mas um dia começaram a envergonhar-se de mim e abandonaram-me, sem se lembrarem que viveram á minha custa durante muito tempo. Quando o meu pai adoptivo soube quem eu era quiz-me trocar por outra, mas começou toda a gente a apupar-me e a gritar:—«E' falsa! E' falsa!» Ah! que vergonha eu passei! Iam-me linchando.

—E que lhe parece do julgamento?

—Aquilo é uma grande fita, mas o papá Marang ha de ter o castigo que merece. Isto doe muito ao meu coração de filha, mas desejo que ele seja condenado, de contrario nunca mais uma rapariga honesta pode acreditar no juramentos, nos protestos e nos documentos de homem algum.

—Mas seu pai afirma no tribunal que ignorava o mal que estava fazendo e que procedeu de boa fé.

—Ah! isso é uma infamia. Enganar uma mulher sem saber o que estava fazendo não era possível. O papá Marang sabia muito bem que estava enganando a mamã Waterloo e atraiçoando o Banco de Portugal, com quem a mamã tinha relações para o bom fim.

—Como sempre, o Banco foi o ultimo a sabê-lo, dissemos nós?

—Pois claro. E como muitos homens enganados, ainda teve de pagar as despesas do amante de minha mãe e de reconhecer muitas das minhas irmãs que falaram a tempo, como boas e como suas filhas.

Neste momento, o bom homem que a recolhera, ouvindo falar, puxou da carteira e foi interromper o nosso amigavel colloquio, desabridamente, nestes termos:

—Oh! sua fingida, sua hipocrita, você é falsa como Judas. O cavalheiro, não acredite no que diz esta patifa. E você cale a boca, que você é tão boa como seu pai e toda a sua familia, que veio a este mundo só para me desgraçar.

Como os ares estavam turvos, rotiramos-nos.



# O KIL. TRO DE ARRANQUE

(A' Direcção do Automovel Club)

*Comecei a arrancar, de pequenino, um decilitro, um litro, um decalitro, sem nunca ter pensado que o destino me fazia arrancar um kilolitro!*

*Sabem lá as tragedias que passei, ao arrancar tão grande cilindrada! Não sei bem o que fiz. Não sei! Não sei! A memoria varreu-se. Não sei nada!*

*E no dia seguinte, entre bocêjos, com a boca a saber a caranguejos, encontrei o meu quarto transformado*

*em imensa piscina, em largo tanque! E' que o tal kilolitro foi de arranque, mas agora, senhores, era lançado!*

**Zé Maria.**

Para obviar á crise evidente de arbitros de *football*, resolveu a Associação de Lisboa criar, dentro do Collegio dos Arbitros, cursos obrigatórios e preparatórios para os aspirantes a juizes de campo.

Era, ao mesmo tempo, a solução do problema e a justificação do título: - *Collegio*.

Ultoriamente, a ideia foi alargada. Os arbitros encartados seguiriam, tambem, um curso especial para completa elucidiação das mal traductas leis e para unificação de doutrina.

Calculavamos nós que, encerradas no limitado âmbito de *curso de arbitragem*, as aulas, palestras ou conferencias se reduziriam, antes de mais nada, ao enunciado perfeito das 17 regras, uma por uma—com todas as elucidiações a arbitros, jogadores e *officiis*, expressas no texto britânico, e á interpretação perfeita dos multissimos casos que de interpretação necessitam.

O nivel médio mental dos ouvintes obrigatorios justificava esse A. B. C. cuidadoso e claro.

Mas assim não foi.

Candido de Oliveira, um dos escolhidos mestros, perdeu—e fez perder... hora e meia, do curso, falando...

*Diz tres!*—preguntará o leitor.

Não! Do daltonismo, dos conhecimentos de psicologia e de atomos de jurisprudencia.

Supomos até que etou Gama Pinto, Mara-Giattieri e Von Aster.

Após o que os arbitros se foram embora (sóo tinham vindo—e a conferencia foi muito cumprimentado por varios amigos e admiradores.

Candido de Oliveira é uma inteligencia excepcional ligeiramente prejudicada pelas condições de cultura. A necessidade de criar e alargar uma base de conhecimentos, em idade madura—preocupa-o... quasi o deserta.

Faz lembrar uma nota alegre que Requiplan escreveu a respeito das *Loelles du Monde*:

*—Elles ont de Portographe, mais elles en abulent!*

\*\*\*

Robust Dorgoles escreveu no ultimo numero do *Match* esta meia duzia de linhas:

—Diz V. Ex.<sup>a</sup> que faz, habitualmente, sport...

—Serve-se dum cavallo?

—E trã-lo ás costas?

—Ah, não? Então não é um exercicio.

—E' o cavallo que se desenvolve e não V. Ex.<sup>a</sup>.

\*\*\*

O nosso prezado colega *Sport de Lisboa*, que agora está atravessando uma interessantissima fase de rejuvenescimento—estevo, ha tempos, numa crise que muito preocupou varias das pessoas que lhe estão inteiramente ligadas.

Exercia então as altissimas funções de director, Felix Bermudes—o illustre farsograto e revisteiro que faz rir meia Lisboa. E Bermudes, que vê as coisas desportivas por um prisma de filosofia e bom humor bastante originaes, foi por essa altura procurado pelas pessoas a que acima nos referimos.

Ter-lhes-hiam feito vêr que o perdidico, ao abandonar, retrogradava, apressadamente, na estrada do bom acolhimento publico...

Felix Bermudes, ouvindo atentamente o que lhe expunham, pensou com cuidado e lentidão, e respondeu, ao que dizem, duma forma adoravel:

—Vamos então resolver como se de arbitros a jornal...

\*\*\*

Os membros illustres do *Abarralany Sport Club* já na semana passada exerceram as suas funções digestivas.

Usaram, porém, do silencio prudente de Contado para *arrotary* em surdina. Nada transpirou das conferencias desportivas e licorosas, perdendo assim a causa uma occasião unica de movimentar os musculos officiais...

Conta-se que ao ser convidado a tomar parte nos agapes, um conhecido dirigente inquiriu conscienciosamente dos fins da agremiação.

Disseram-lhos. E mostraram-lhe uma lista de nomes de prozavais adroentes e assistentes. O homem foi com cuidado e no final negou-se.

—Porque?—inquiriram.

—E' que, ao que vejo, para pertencer ao *Abarralany* é necessario ter muito bom estomago...

\*\*\*

Corre nos *mentideros* desportivos que a reunião do Conselho Technico da Federação Portuguesa de Foot-ball Association, para resolução do celebre protesto apresentado pelo *Benfica* sobre o seu encontro com o *Caravelinhos*—foi algo acidentada.

Porque a reunião se fez num quarto do Hotel Francfort, houve até quem se apressasse a inventar uma inverosimil scena em que um dos technicos teria procurado juntar aos argumentos das *tesis* o contrapeso dum ferro da cama.

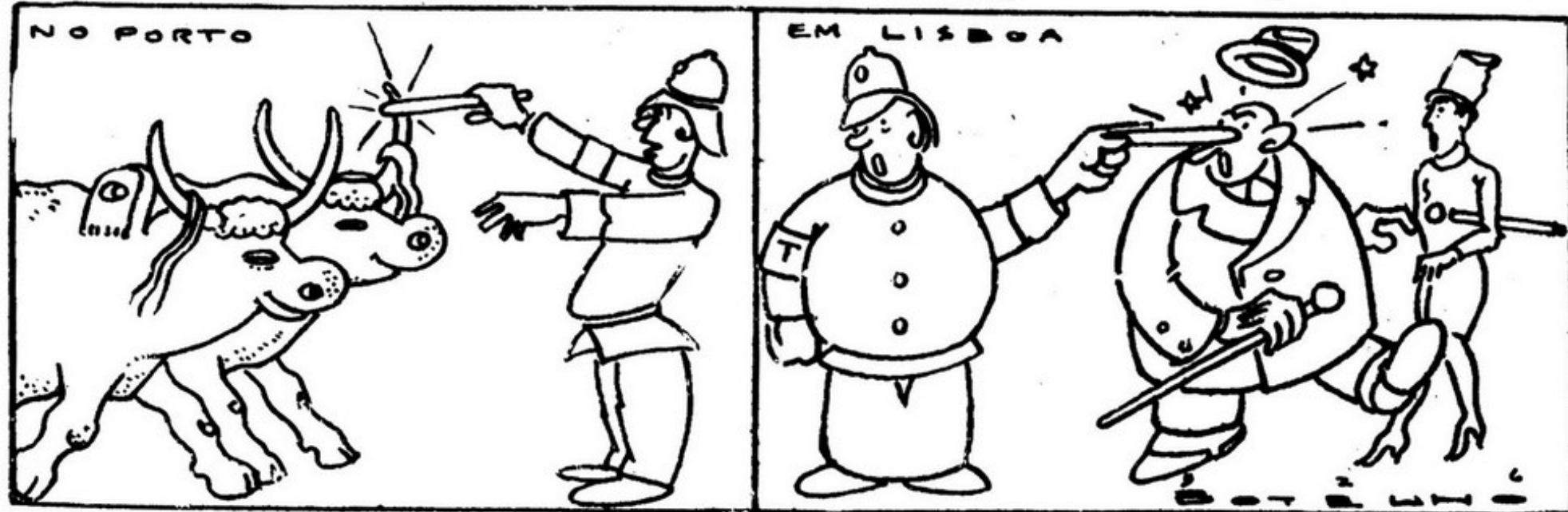
Isto é absolutamente falso.

Tratando-se dum hotel de primeira ordem, a reunião foi naturalmente feita em volta duma confortavel mesa, convenientemente adornada de *sweets* e bebidas quentes.

O boato corrente só se justifica pela adulteração duma frase amavel em que um dos technicos oferecia gentilmente a outro—uma chavena de chá e uma bolacha.

**Rebola-A-Bola.**

## Tauromaquia na praça... publica



OS EXTREMOS... TOCAM-SE

HISTORIA DUM CHEQUE

# Atribuições dum "reporter" inglês

que desconhecia o esperanto da moeda

Dir-lhes-hei brevemente como fui correspondente dum jornal inglês:

Tenho um amigo de Londres, pequeno de estatura e grande de bigodes, que escrevo num grande jornal da capital de Inglaterra. Um dia, o meu amigo deteve-se diante de mim, abriu os braços como dois parentesis, cravou-me os seus olhinhos minúsculos e perguntou bruscamente:

— Porque não escreve um artigo acerca deste tema (o indicou-me o tema) para um jornal da minha terra?

Desconcertou-me. Assombrado, balbuciei:

— Homem... francamente... — Os jornais ingleses pagam bem as suas colaborações.

Sim... porém... eu não conheço essa unica palavra do seu idioma.

— Mas eu xi.

E ficou decidida a minha sorte. O *Sheffield Telegraph* respondeu em telegrama aceitando a oferta. Isto era muito inglês: o meu amigo cresceu alguns palmos na minha consideração. Muitas vezes o contemplei admirativamente e não podendo subtrair-me ao desejo de mover a cabeça, murmurando:

— Estes ingleses! O que eles não descobrem!

Passou uma semana e o diario do Sheffield, contendo o artigo traduzido em inglês pelo meu amigo, chegou ás minhas mãos. Observei, orgulhoso, as columnas de letra miuda, as fotografuras e os anuncios das multiplas paginas e toda aquela enormidade de sabe Deus quantas graves noticias e quantos substanciosos conceitos e quantas solezes palavras, de todas as quais unicamente duas eram comprehensivas para mim: as do meu nome na assinatura do artigo.

Varias vezes mostrei o jornal aos meus amigos:

— Quo tal?! Já viste? Isto é um jornal ou quê?!

E começava a voltar as enormes folhas. Por fim, acrescentava invariablymente:

— Traz uma «coisita» minha.

Assim, sem lhe dar importancia. A outro amigo, que tambem não sabia inglês, li-lhe um dia o artigo desde o principio ao fim. Ao terminar, suavamos ambos. Indaguei:

— Que te parece?

— O' menino, tremendo!

Eu guardei o jornal modestamente, fazendo um gesto, como se disera:

— Se quizer, escrevo seis artigos como este ou melhores.

Passaram uns dias, quasi um mês e a empresa de Sheffield não dava sinais de vida. Certo dia, insinuei timidamente ao meu colega britannico:

— Ter-se-hia extraviado o dinheiro?

O meu colega deu um salto, com os enormes bigodes ericados:

— Extraviar-se o dinheiro?! O dinheiro inglês?!

E explicou-me que os jornais ingleses têm dias certos para os seus pagamentos. Tudo muito sério, muito metódico!

Mas as minhas duvidas cresciam. Um dia, procurei Sheffield no mapa. Outro dia, assaltou-me a suspeita de que o meu colega era muito pequeno para ser inglês.

Mas as minhas suspeitas eram falsas. Uma missiva trouxe ao meu poder um papel onde estavam umas letras e uns numeros tudo em inglês. Consultei o caso: era uma certa ordem.

Guardei-a innocentemente na algibeira e saí á rua, cheio de felicidade. Não sabia ainda—pobre de mim—os seus rossaltos e os trabalhos que me esperavam. Dediquei-me a passeiar com um ar de burguês endinheirado, quo nunca julguei poder encarnar. Frente ao Banco de Espanha, assaltou-me

uma ideia; tive esse gesto do homem que se esqueceu de cumprir um dever:

— Ah! Esquecia-me de vér as cotações!

E entrei. Ante um telegrama azul, protegido por um vidro, detive-me largamente e li:

«Interior 8525, Amortizavel 10600, Paris 776».

Tornei a ler. Tirei a carta-ordem da algibeira; confrontei-a com o telegrama. Não dizia nada parecido. Por fortuna, encontrei um amigo entendido na Bolsa e perguntei-lhe a como estava a libra. O meu amigo olhou o telegrama e informou-me:

— Não ha Londres.

— Não ha Londres! Assaltou-me uma impressão indescritivel e mostrei-lhe o documento recebido. Não lhe deu importancia e disse-me «que o endossasse».

Afastei-me desalentado. Já tinha terminado a guerra, mas os mineiros ingleses estavam em greve. Devorei os jornais e gemi: Oh! Senhor! Como nos contos morais, o dinheiro veio

turbar a minha paz. Estas libras pesam arrobas no meu espirito. Preocupam-me coisas que até hoje ignorava: a greve, os mineiros ingleses, a questão da Irlanda, os discursos de Lloyd George. E agora dizem que não ha Londres! E por fim tenho de endossar o que é meu.

Resolvo ir ao Banco, por muito complicado que isso seja para mim, não me hão de comer, creio eu.

Vejo varios quichets. Vacilo. Escolho um ao acaso.

— Faz favor de me dar este dinheiro que está cá para mim.

— Aqui não, responde o empregado.

— Como?!—balbucio.— Não tenho cá estas libras dum senhor inglês?

— Digo que não é aqui, neste quichet.

— Ah!—sorri tranquilo.— Cá me parecia, porque os ingleses são muito sérios. Onde devo ir?

— Ali.—E estendeu vagamente um dedo.

Ali onde? Para não me mostrar ignorante, resolvo continuar a visita aos varios quichets. Vou a outro.

— Faz favor, dá-me estas libras que estão cá para mim.

Este senhor lê a ordem e informa:

— Vá a Contas Correntes.

— Só lá onde estão Contas Correntes.

E vou a outro quichet, e a outro, e a outro. Todos os empregados vão sabendo pouco a pouco que um senhor inglês me enviou algumas libras.

Por fim, chego a um, que me leva o papel e verifico, assustado, que se entretém a mostrá-lo numa secretária onde escrevem varios jovens. Não compreendo a necessidade de que tanta gente conheça detalhes da minha vida. Termina por trazer-me um papelinho azul, com um numero, não me devolvendo a ordem.

— E que faço eu com esta rifa?—pregunto deconfiado de que é chuchadeira.

— É o numero de ordem para a chamada de pagamento.

— Ah! Muito bem! Agora sim!

Sento-me, olhando o numero para o fixar bem. Duas vezes sorri ao supor que me tinham chamado o 456. Não era! Primeiro foi o 356, depois o 453. Para me distrair, olho uma senhora muito gorda que está ao pé d'outra muito magra. Admiro-me porque sempre costuma ser o contrario.

— Quatrocentos e cincoenta e seis!

Quo maneira de gritar. Toda a gente vai olhar para mim. Avanzo apertando naturalidade.

— Assine.—E apresentam-me um papelinho.

Assino e o empregado pergunta-me:

— O seu nome é conhecido cá no Banco?

A modestia impede-me responder-lhe.

O empregado olha-me e repete:

— Pergunto se o seu nome é conhecido do Banco!

— Cavalheiro, respondo escamado, não digo que seja uma celebridade, mas começo a ser conhecido em Espanha. Cá no Banco não sei! Mas entre tantos empregados alguns lerão o *A. B. C.*

Vê-se que não me explico bem porque insistem:

— Se não é conhecido, necessita de fiador.

— Fiador! É' extraordinario! Fiador, eu!! E se não quero ter fiador, que me acontece?

— Não recebe.

Indignado, saio sem saber para onde vou. Colombo, quando saiu de Pálos, estava mais orientado que eu. Fiador! E eu que me supunha um escritor modesto mas honrado! Corro cada vez mais desorientado. Subo a um carro electrico. Desço não sei onde e volto a correr. Tenho sede e febre. Ha um parentesis em que não me lembro o que fiz. Apenas conservo a vaga memoria de que bebi três cervejas e que um engraxador, sem me pedir licença, me lustrou as botas, exigindo-me cincoenta centimos.

São indispensaveis estes pontos suspensivos, que occultam um penoso relato. Por fim tenho fiador! Corri ao Banco e entreguei o documento, tremulo, comovido, cansado.

— Já fechou. Venha amanhã.

— É que culpa tenho eu que o senhor tenha fechado?!

— Volte amanhã.

Disenti, gritei que o dinheiro me tinha sido enviado por um senhor de Londres; que abrisse um momento apenas para me pagar, terminando com as minhas incertezas e sobressaltos. Tudo inutil. Nunca vi homem mais teimoso!

E tive que voltar no dia seguinte!

Todas estas atribuições me fizeram desejar não ter dinheiro, reconciliando-me com a minha sorte.

## C. M. L.

### A pelota «vasca» (?)

Confesso que me sinto um tanto á rasca, desde que li em um jornal qualquer, que a Camara ia, agora, proteger, o tal joguinho da *pelota «vasca»*.

É' caso para um tipo dar á casca, pois que em *Pelota* tem já, a meu vêr, o tal *Frontão* p'ra ela se entreter, quer com bom tempo ou com qualquer borrasca.

Mas o que ainda não me entrou na fôla e que me faz pular como uma onça, é que a palavra «*vasca*» é espanhola!!!

Ou a lingua-patria é uma geringonça, ou quem quizer brincar com a tal bola, p'ra não ser pau, tem que dizer *Vasconsa*.

José Barbosa.



—Cá vai o felizardo a quem dei os duzentos contos a semana passada. Para outra vez te direi! Quem fica com a grande sou eu.



-A pescada não me parece lá muito fresca.  
 -Ora essa! Ainda ha oito dias que foi inspecionada pelo sub-delegado de saúde.



-Levanta-te, tilha, olha que ele parou o carro.  
 -Ainda bem que fui atropelada. E' a forma de irmos de taxi de graça.



Ele - Como ela engordou. Nem parece a mesma com aquelas pernas de cêpo...  
 -Ela - Crêdo! Deus me livre de vir um dia a ficar tão aleijada.



-Faz favor diz-me que horas são?  
 -São nove, mas dantes eram dez, agora, como é de noite são vinte. Imagine, que trinta e um...



Os dois manos colaços iam a caminho da feira, quando encontraram uma nota de vinte escudos na estrada.



O Zé da Horta disse para o Chico da Aizira:  
 -Como não podemos dividir a nota e eu sou o mais velho, fico com ela.



O Chico da Aizira perguntou:  
 -Como sabes que és o mais velho, se nascemos ao mesmo tempo?  
 -Disse-mo a parteira quando nasci...